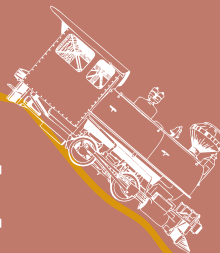


Governo do Ceará apresenta:

COLEÇÃO HISTÓRIAS FERROVIÁRIAS

Volume 1, 2025



ESTAÇÃO DE BATURITÉ



GOVERNO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
Governador do Ceará

Jade Afonso Romero
Vice-governadora do Ceará

Luisa Cela de Arruda Coêlho
Secretária da Cultura

Rafael Cordeiro Felismino
Secretário Executivo da Cultura

Geciola Fonseca Torres
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna da Cultura

Caio Anderson Feitosa Carlos
Coordenadoria da Rede Pública de Equipamentos Culturais do Ceará (Copec)

Jéssica Ohara Pacheco Chuab
Coordenadoria de Patrimônio Cultural e Memória

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
Diretor-presidente

Iana Soares
Diretora Executiva

Ana Javes Luz
Diretora Administrativo-financeira

Charlene Régis
Superintendente Administrativo-financeira

Daina Leyton
Assessora de Educação e Acessibilidade

Dione Silva
Assessora de Políticas Afirmativas e Articulação Comunitária

Fabiano Veríssimo
Assessor de Ação Cultural

Fernanda Cavalli
Assessora de Comunicação

Abilio Oliveira
Gerente de Planejamento

Amanda Lima
Gerente de Projetos Especiais e Governança

Evelma Taveira
Gerente de Departamento Pessoal

Isabel Ferreira Lima
Gerente de Experiência e Linguagem

Natasha de Paula
Gerente de Tecnologia da Informação

Vinício Brigido
Gerente de Desenvolvimento Humano

BRA Advocacia Artística e Cultural
Assessoria Jurídica

**MUSEU FERROVIÁRIO
ESTAÇÃO JOÃO FELIPE**

Alênio Alencar
Diretor

Bruna Antunes
Museóloga

João Vitor Santos
Assistente de Acervo

Richely Pereira
Estagiária de Acervo

Bruna Forte
Coordenadora de Comunicação

Dileia Azevedo
Supervisora Administrativo-Financeiro

Rodrigo Ponciano
Assistente Administrativo-Financeiro

José Wellington
Supervisor Educativo

Gerliane Rodrigues
Assistente Educativa

Alysson Pinto
Amanda Tavares
Jardelson Lima
Yasmin Aiub
Auxiliares Educativos

Ellen Santos
Índira Sara
Estagiárias Educativas

**COLEÇÃO HISTÓRIAS FERROVIÁRIAS -
ESTAÇÃO DE BATURITÉ**

Angela Falcão
Coordenação geral de conteúdo, texto e pesquisa

José Wellington
Gerli Rodrigues
Amanda Tavares
Revisão de Conteúdo

Luana Barros
Edição e Revisão de Texto

Melzier
Projeto Gráfico

Danos Moraes
Ilustração

Acervo da Associação dos Engenheiros da Rede Viação Cearense - AERVC
Acervo Pessoal Ângela Falcão
Acervo Gil Farney (Fotógrafo da Prefeitura de Baturité)
Acervos Fotográficos

Núcleo Educativo do Museu Ferroviário Estação João Felipe
Colaboração

Francisca Gerlúdia Tavares, Mestre Pádua de Queiroz, Mestre Paulo George Barros, Leonildo da Silva Leal, Francisca Gislaide Pereira Brito, Maria Cirlene DiasTaveira, João Batista de Oliveira Filho, Antônia Aline da C. Dantas, Adriana Sefora de Andrade Araújo, Jarlisson Felipe Silva Lima, Natasha Faria, Sandra Regina de Jesus e Leilane Maria Lucena Pereira de Alencar

Agradecimentos

Expressão Gráfica
Impressão

COLEÇÃO HISTÓRIAS FERROVIÁRIAS**ESTAÇÃO DE
BATURITÉ**

Edições Museu Ferroviário
Fortaleza
2025

Museu Ferroviário Estação João Felipe

O Museu Ferroviário Estação João Felipe, espaço da Rede Pública de Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Ceará gerido em parceria com o Instituto Mirante, é uma instituição que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe itens do patrimônio ferroviário do Ceará — em suas dimensões material e imaterial — com fins socioeducativos, de pesquisa, turismo e entretenimento.

Quinto equipamento a integrar o Complexo Cultural Estação das Artes, o Museu Ferroviário foi inaugurado no dia 17 de novembro de 2023. Seu acervo é oriundo dos objetos remanescentes do extinto Museu do Centro de Preservação da História Ferroviária do Ceará, em atividade entre 1982 e 1999 nas antigas Oficinas Demosthenes Rockert, conhecidas como Oficinas do Urubu. Na época, o espaço foi coordenado pela Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), com apoio da Associação de Engenheiros da Rede Viação Cearense (AERVC). O espaço abriga a exposição de longa duração intitulada “Nos trilhos do tempo. Histórias da ferrovia do Ceará”, com curadoria assinada por André Scarlazzari e Marcus Braga.

Instituto Mirante de Cultura e Arte

O Instituto Mirante é uma OS (Organização Social) de Cultura criada em 2021 para contribuir com a gestão de políticas culturais, proteger, salvaguardar e fomentar as iniciativas artísticas e o patrimônio histórico e cultural do Ceará. Propõe uma construção coletiva, envolvendo pessoas trabalhadoras, pessoas produtoras culturais, artistas e instituições. Em rede, soma para fortalecer e desenvolver a cultura do Estado.

Atualmente, faz a gestão de oito equipamentos culturais da Secretaria da Cultura do Ceará: Centro Cultural do Cariri, Estação das Artes, KUYA — Centro de Design do Ceará, Mercado AlimentaCE, Museu da Imagem e do Som do Ceará, Museu Ferroviário Estação João Felipe, Pinacoteca do Ceará e Sobrado Dr. José Lourenço.

Secretaria da Cultura do Ceará (Secult Ceará)

A Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult Ceará) tem como missão formular, promover e gerir políticas públicas que assegurem o pleno exercício dos direitos culturais para a população cearense. Sua Rede de Equipamentos Culturais (RECE) conta com 27 espaços públicos espalhados pelo estado, num movimento que democratiza o acesso à cultura, promove a formação artística e fomenta a circulação de produções artísticas. Trata-se da pasta estadual de cultura mais antiga do Brasil. Prestes a completar 60 anos de criação, vive um momento singular de fortalecimento institucional, desenvolvendo políticas inovadoras como o Projeto Agentes de Leitura do Ceará e a Lei dos Tesouros Vivos do Estado.

Governo do Ceará, por meio da Secretaria da Cultura e do Museu Ferroviário Estação João Felipe, apresenta a **Coleção Histórias Ferroviárias**.

A cartilha que você tem em mãos foi feita para contar, de forma simples e curiosa, a história da Estação Ferroviária de Baturité, no Ceará. Ao longo destas páginas, você irá conhecer um pouco mais sobre a ferrovia que ajudou a transformar o nosso estado e entender por que a Estação de Baturité é uma parte tão importante dessa história.



FOTO: AERVC

FOTO: AERVC

FOTO: ANGELA FALCÃO

FOTO: GIL FARNEY

A FERROVIA NO CEARÁ

Entre o final do século XIX e começo do século XX, a chegada dos trens ao Ceará mudou completamente a forma como as pessoas se locomoviam e se comunicavam em todo o estado. Com a ferrovia, ficou mais fácil transportar a produção agrícola, principalmente o algodão e o café, o que contribuiu para o desenvolvimento econômico.

As cidades, que antes eram distantes e isoladas, passaram a se conectar por meio dos trilhos, criando novas trocas entre as pessoas, fortalecendo o comércio e possibilitando novas interações entre a população cearense. Para construir a ferrovia, no entanto, foi preciso enfrentar muitos desafios. O terreno irregular e o clima seco do semiárido exigiram soluções criativas dos trabalhadores ferroviários.

A Estrada de Ferro de Baturité faz parte dessa história. Construída para ajudar no transporte da produção agrícola da região do Maciço de Baturité, a ferrovia representou um caminho estratégico entre o interior e o litoral.



VEJA DOCUMENTÁRIOS
SOBRE AS FERROVIAS
DO CEARÁ



FOTO: AERVC

A CONSTRUÇÃO

Mão de obra

A construção de grandes obras públicas no Ceará empregava a mão de obra dos 'flagelados' da seca, como ficaram conhecidos os retirantes do Sertão afetados pelas secas constantes e que migraram em massa na direção das cidades, como Fortaleza.

A ferrovia no Ceará foi viabilizada com a força de trabalho desses retirantes, em condições de exploração pelos serviços realizados. Eles eram submetidos a um trabalho precário com promessas de auxílio, alimentos e assistência médica.

No Ceará, o uso dessa mão de obra era uma estratégia para o controle social dessa população, impedindo seu deslocamento para a capital Fortaleza.

Em períodos de seca, a utilização da mão de obra dos flagelados no prolongamento das Estradas de Ferro de Sobral e de Baturité, na construção de estradas de rodagem e de açudes era mais facilmente justificada, porque se relacionava diretamente com a ideia de amenizar o sofrimento dos sertanejos em secas futuras, além de oferecer trabalho imediato para os famintos.

(Fonte: "Isolamento e poder", de Kênia Sousa Rios)

Impacto ambiental

Os impactos ambientais causados pela construção da Estrada de Ferro de Baturité não podem ser totalmente medidos.

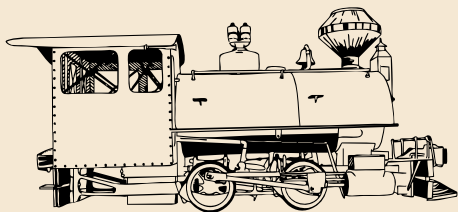
A enorme quantidade de madeira usada para a edificação e a manutenção dos trilhos, bem como a lenha necessária para aquecer a maria-fumaça, era extraída da cobertura vegetal cearense, nas proximidades da ferrovia. A madeira também era trazida de outras partes do Brasil para o uso como dormentes.

Houve uma tentativa de minimizar os danos do desmatamento com a criação de hortos florestais, mas eles foram pouco eficazes em comparação às perdas ambientais causadas pela implantação da Estrada de Ferro.

Assim, o consumo elevado de madeira resultou no desmatamento de significativa parte da cobertura vegetal, contribuindo para a alteração de diversas paisagens do Maciço de Baturité e do Ceará. O impacto ambiental percebido nessa fase histórica mostra o alto custo ecológico do progresso da época.



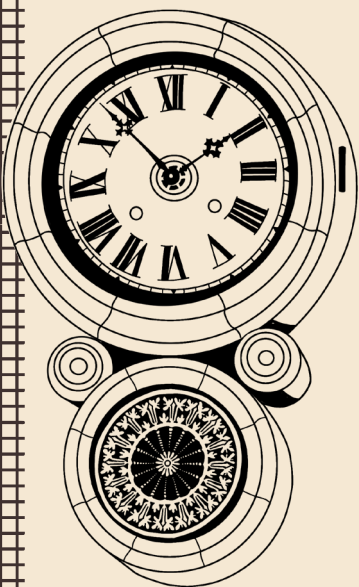
SAIBA MAIS



O TREM CHEGA A BATURITÉ

A vinda da ferrovia para a Baturité representa um marco. A partir do assentamento dos trilhos, a cidade passou a fazer parte de uma rede de transporte e comunicação que ligava diferentes lugares do Ceará.

A novidade favoreceu o crescimento da economia local, facilitou o acesso a outras cidades e trouxe mudanças no cotidiano da população baturiteense. Com o trem surgiram novas oportunidades de trabalho e mais possibilidades de mobilidade para os moradores da cidade.



1872

A obra de construção da Estrada de Ferro de Baturité é iniciada, com o assentamento do primeiro dormite e do primeiro trilho.



1873

É inaugurado o primeiro trecho da ferrovia, ligando o centro de Fortaleza e Arronches (atual Parangaba).

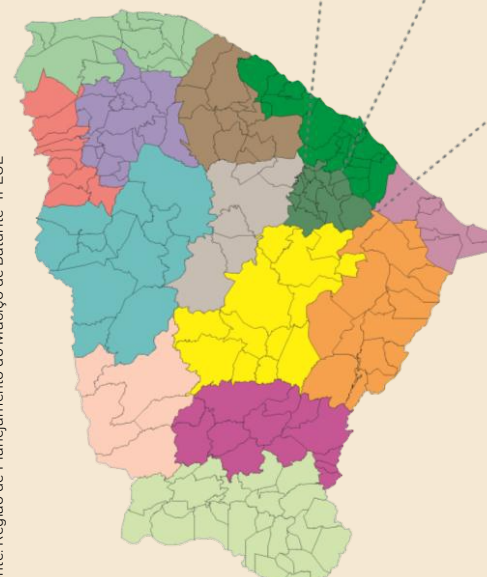
1882

No dia **2 de fevereiro**, é inaugurada a Estação de Baturité. O mesmo dia marca a entrega do trecho entre as cidades de Aracoiaba e Baturité.

Arquitetura: Elementos da construção remetem às técnicas e ao estilo da época, misturando influências locais e europeias.



Fonte: Região de Planejamento do Maciço de Baturité- IPECE



O CAMINHO DE BATURITÉ A FORTALEZA

ALFREDO DUTRA



BATURITÉ

ARACOIABA (1963)

ARACOIABA (1880)

ANTÔNIO DIOGO

AMARO CAVALCANTE

ACARAPE

ÁGUA VERDE

JOÃO NOGUEIRA

GUAIÚBA

PACATUBA

MONGUBA

MARACANAÚ

PAJUÇARA

MONDUBIM

PARANGABA

COUTO FERNANDES

OTÁVIO BONFIM

JOÃO FELIPE

A nomenclatura das estações segue o padrão estabelecido pelo Inventário Sumário do Patrimônio da RFFSA no Ceará, realizado pelo IPHAN em 2008. Apesar de possuírem essa denominação atual, muitas estações tiveram nomes distintos desde a sua edificação.

História viva: A estação de Baturité guarda lembranças de épocas em que o trem era o principal meio de transporte e de comunicação.



Não sabe o que significa? Toda vez que este símbolo aparecer, a explicação vai estar no nosso Minidicionário ferroviário.

Ao longo da Estrada de Ferro, o município de Baturité possuía a Estação de Baturité e a parada de Alfredo Dutra, antes chamada de Açudinho.

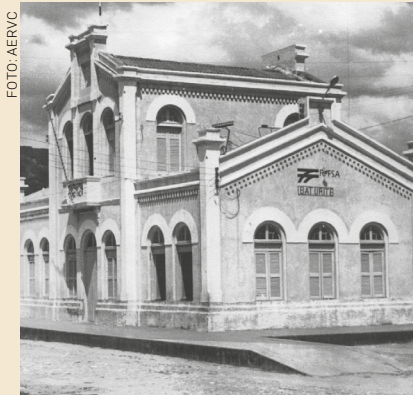
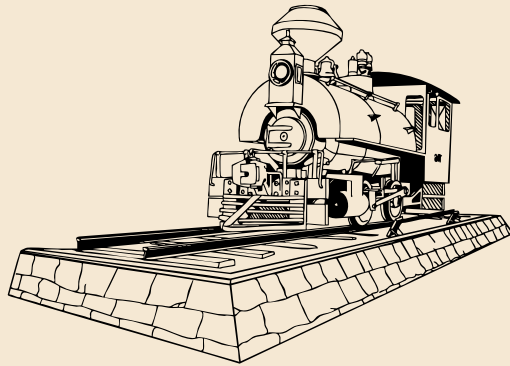


FOTO: AERVC

A Estação de Baturité

foi responsável por criar um elo entre o Interior do estado e a capital Fortaleza. O projeto dessa estação foi do engenheiro austríaco Henrique Foglare, o mesmo responsável pela Estação João Felipe.



FOTO: AERVC

A parada Alfredo Dutra,

também conhecida como Açudinho, desempenhou papel vital na movimentação de pessoas e produtos na região. Menor que a principal, foi inaugurada em 23 de dezembro de 1921 como uma típica plataforma de passageiros e ajudou a ampliar a rede de serviços e a conectar comunidades próximas.



FOTO: ANGELA FALCÃO

Casa de Agente em Alfredo Dutra

QUEM MOVE A FERROVIA

Trabalhadores da Ferrovia em Baturité

FOTO: GIL FARNEY



Eu cheguei em Baturité no dia 02 de fevereiro de 1970, com 8 anos de idade. Naturalmente, vim de trem, que era o transporte do pobre, e daí começa a minha relação com a ferrovia.

Antônio Soares dos Santos, hoje com 63 anos, é conhecido por todos como **Haroldo** desde a infância. A jornada dele na Estação Ferroviária de Baturité começou aos oito anos de idade, quando vendia produtos como bananas, tangerinas, "dindins", laranjas e água.

Ao chegar aos 18 anos, em 1983, Haroldo prestou concurso e foi aprovado na Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA). Ele iniciou o trabalho no dia 5 de outubro de 1984, como auxiliar de agente de estação.

O início da carreira como trabalhador ferroviário foi na Estação de Quixadá e, em 1985, foi nomeado agente encarregado de estação, atuando em Arrojado, distrito de Lavras da Mangabeira.

No final de 1988, voltou para a Estação Ferroviária de Baturité. Ele substituiu José Elias Matias, que havia se aposentado. Haroldo permaneceu na RFFSA até o dia 28 de fevereiro de 1998, marcando o fim de uma sólida e dedicada carreira na ferrovia.

Encarregado de Estação: "Tudo o que acontecia dentro da estação era sua responsabilidade: dos pequenos aos grandes eventos. Tão grande era a importância dessa função que, por muito tempo, quem a ocupava recebia moradia própria, literalmente dentro das cercanias da ferrovia". (Fonte: Estação de Memórias)

Eu fui o último agente encarregado da estação e meu nome é Antônio e o primeiro agente da Estação de Baturité também era Antônio (Antônio Ribeiro Montenegro).

FOTO: GIL FARNEY



Francisco Lopes Filho, de 80 anos, é mais conhecido como **Seu Pitú** – apelido carinhoso que recebeu da avó ao nascer. Aos 18 anos, começou a trabalhar na ferrovia cearense como Trabalhador de Turma.

Ao longo de 32 anos de dedicação à Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), o Seu Pitú passou por diversas estações, incluindo Itapiúna, Aracoiaba, Senador Pompeu e Baturité. Ele se aposentou na função de Trabalhador da Via Permanente.



Trabalhador de Turma: Responsáveis pela manutenção e limpeza dos trilhos, os trabalhadores eram conhecidos como “de turmas” ou “de linha”. Muitos viviam em moradias oferecidas pela ferrovia. (Fonte: Estação de Memórias)

A RFFSA, pra mim, teve um significado de pai e mãe, foi minha segunda família.

FOTO: GIL FARNEY



Na carpintaria, eu fazia mesa de troller, ajeitava porta de estação, trocava madeira das casas da RFFSA e vários outros serviços que precisasse.

José Alves Pereira, de 80 anos, tem uma trajetória de vida marcada pela ferrovia. Natural de Souza (PB), veio para o Ceará aos 10 anos, idade em que começou a trabalhar na agricultura com o pai. Em busca de melhores oportunidades, entrou para a Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), em 1975, aos 30 anos.

Na ferrovia, ganhou o apelido de **Zé Candoca** por morar numa localidade com esse nome. Sua jornada como Trabalhador de Turma começa em Senador Pompeu, função que exerceu por uma década. A habilidade com a carpintaria, que aprendeu na infância com o avô, fez com que Zé Candoca recebesse o convite para trabalhar na Estação de Baturité. Lá, atuou na oficina como carpinteiro.

Na época que eu me empreguei na RFFSA, a gente empurrava o troller. Era manual, não tinha motor não, era empurrado no braço mesmo. (...) O serviço da via permanente era muito pesado, não era todo mundo que aguentava.

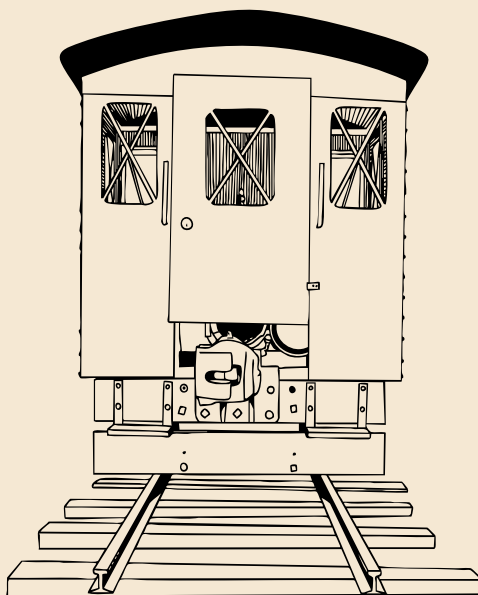
Em Baturité, muitos ferroviários ocuparam o cargo de Agente Encarregado da Estação. Entre eles, destacam-se Antônio Ribeiro Montenegro, Jaime Pereira Carlos, João Rosa, Humberto Siqueira, Luiz Carlos, Osmar Raquel, Expedito Oliveira, Murilo Cavalcante, José Elias Matias e Antônio Soares dos Santos, além de tantos outros. (Fonte: Site Putiu)

PARA COLORIR



O DESTINO DAS ESTAÇÕES DE TREM DO CEARÁ

Durante muitos anos, os trens foram um dos principais meios de transporte no Ceará. Inclusive, na década de 1950, a Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA) é criada para organizar, unificar e administrar as ferrovias do país.

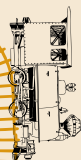


Antes disso, no entanto, os carros e os ônibus começaram a ganhar espaço como escolha para locomoção de pessoas e produtos no Brasil. A mudança, iniciada na década de 1930, tinha um motivo simples: era mais fácil e barato construir estradas para os veículos do que trilhos para os trens.

A transformação do transporte rodoviário na principal escolha modal no Brasil contribuiu para que muitas linhas de trem fossem desativadas e várias estações fossem fechadas.

Hoje, os trens no Brasil ainda são usados, mas principalmente para transportar cargas. O transporte de passageiros deixou de ser prioridade.

Encontro de gerações: Moradores mais antigos recordam os tempos de movimentação intensa, enquanto os mais jovens descobrem um patrimônio que conta a história do município.



Transformação cultural: Hoje, a estação não é apenas um símbolo do transporte ferroviário, mas um espaço que abriga eventos culturais e projetos de memória.



Algumas estações ferroviárias foram reformadas e hoje servem como museus, centros culturais ou locais para eventos. Dessa forma, ajudam a preservar a história e a memória do tempo em que os trens faziam parte do dia a dia das pessoas.

Foi o que aconteceu com a Estação Ferroviária de Baturité, que hoje abriga a Fundação Cultural de Baturité, mantendo viva a história e dando novo significado ao antigo espaço dos trens.



PARTIU, ESTAÇÃO!

Ficou curioso para conhecer a história e a beleza da Estação Ferroviária de Baturité? Siga o roteiro para visitação do Complexo Ferroviário, Histórico, Turístico e Cultural de Baturité.

Ponto de Encontro: Comece o passeio na entrada principal da estação. Não esqueça de ler as placas informativas e os painéis que contam um pouco da história do local.

Visita Mediada: O Complexo Ferroviário possui mediadores educativos para acompanhar a visita à Estação de Baturité. Os passeios costumam incluir relatos e curiosidades sobre o espaço.

Esplanada: Aproveite para caminhar pela esplanada do Complexo Ferroviário, onde é possível observar detalhes arquitetônicos e antigos trilhos. Também é possível conhecer espaços que serviam de apoio logístico, como o local da Casa do Agente da Estação, o Armazém, a Oficina dos Trens, a Casa do Mestre de Linha, a antiga Escola da RFFSA e o espaço onde existia a Caixa D'água, responsável por abastecer as locomotivas à vapor. O monumento em homenagem ao 1º Centenário da Estação de Baturité também fica localizado aqui.

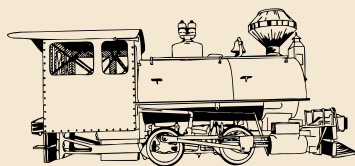
Espaço Cultural: Visite o museu instalado na Estação de Baturité, que conta com diversas peças, ferramentas e utensílios relacionados à história ferroviária no município.

Registro Fotográfico: Não esqueça de registrar o momento com fotografias e vídeos, tanto dos detalhes históricos como das paisagens ao redor.



LEVE UM POUCO DA
ESTAÇÃO DE BATURITÉ
PARA A SUA SALA DE AULA!

Consultar os horários de visitação







MINIDICIONÁRIO FERROVIÁRIO

APARELHO DE MUDANÇA DE VIA [AMV]: Conjunto de peças colocadas nas concordâncias de duas linhas para permitir a passagem dos veículos ferroviários de uma para outra.

BOLETO: Parte superior do trilho, sobre a qual deslizam as rodas dos veículos.

DORMENTE: Peça de madeira, concreto, concreto protendido ou ferro, na qual os trilhos são apoiados e fixados.

ESPLANADA: Termo usado para denominar o pátio das estações em algumas regiões. Nesse terreno da ferrovia se concentram os edifícios ferroviários, como armazéns, oficinas, casas de trabalhadores etc.

ESTAÇÃO: (1) Instalação fixa onde param os trens. (2) Dependência da ferrovia onde são vendidas passagens, efetuados despachos, arrecadados fretes, entregues expedições etc.

GIRADOR: Estrutura com movimento de rotação em torno do apoio central e que suporta um segmento de linha, usado para inverter a posição da locomotiva ou outro veículo ferroviário em substituição ao triângulo de reversão ou à pera ferroviária.

LITORINA: Carro de passageiro dotado de autopropulsão, geralmente empregado

para viagem a curtas distâncias, podendo ainda rebocar um ou dois carros.

PLATAFORMA: Abrigo construído na estação, ao longo da linha principal, para embarque e desembarque de passageiros e serviço de bagagem e encomenda.

TREM: Qualquer veículo automotriz ferroviário, locomotiva ou várias locomotivas acopladas, com ou sem vagões, e carros de passageiros, em condições normais de circulação e com indicação de "trem completo".

TROLE DE LINHA: Pequeno veículo, acionado manualmente, rebocado ou motorizado (trole-motor), que se desloca sobre via férrea, normalmente para efetuar transporte de pessoal, ferramenta, utensílio e material de turma.

VAGÃO: Veículo destinado ao transporte de cargas.

VARIANTE: Trecho de linha construído posteriormente, para encurtamento, retificação, melhoria de condições técnicas (rampas, curvas etc.), ou desafogo de parte do traçado. Destaca-se em certo ponto da linha primitiva, para retomá-la mais adiante.

VIA PERMANENTE: Abrange toda a linha férrea, os edifícios, as linhas telegráficas etc.

CAÇA PALAVRAS

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal.

T	T	T	O	A	I	I	E	N	L	E	M
R	N	P	V	A	R	I	A	N	T	E	N
O	L	U	E	Q	G	I	R	A	D	O	R
L	I	Y	S	A	O	B	E	I	A	E	O
E	T	W	P	H	V	I	A	V	S	Y	T
D	O	E	L	F	G	U	A	T	H	O	M
E	R	O	A	E	P	G	A	R	D	A	U
L	I	N	N	H	Ã	Ç	S	T	O	O	E
I	N	U	A	O	Ã	N	R	F	R	H	T
N	A	U	D	O	R	M	E	N	T	E	B
H	P	L	A	T	A	F	O	R	M	A	M
A	S	S	L	E	T	T	E	E	E	S	N

DORMENTE
ESPLANADA
ESTAÇÃO

GIRADOR
LITORINA
PLATAFORMA

TREM
TROLE DE LINHA
VAGÃO

VARIANTE
VIA



FOTO: GIL FARNEY

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

A Estação Ferroviária de Baturité, juntamente com a Garagem de Auto de Linha, o Armazém e a Oficina de carros e vagões integram a Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário, reconhecidas enquanto bens valorados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Isso significa que esses espaços possuem valor histórico, artístico e cultural nos termos da Lei nº 11.483/07 e das portarias nº 407/2010 e nº 17/2022, do IPHAN.

Esperamos que esta cartilha tenha ajudado você a compreender a importância desse espaço, incentivando a valorização do passado e o engajamento em atividades culturais e educativas.

Visite, conheça e mantenha viva a história que pulsa em cada trilho e parede deste local tão significativo para o Ceará.

Aproveite esta leitura e compartilhe o conhecimento com amigos, familiares e toda a comunidade.

A história da Estação de Baturité continua viva por meio de cada pessoa que se interessa por seu legado!

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAPELO FILHO, José; SARMIENTO, Lúcia. Arquitetura ferroviária do Ceará: registro gráfico e iconográfico. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2010.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES. Glossário de Termos Ferroviários. 70 p. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/ferrovias/glossario-de-termos-ferroviarios/glossario.pdf>. Acesso em: 10 out. 2025.

ESTAÇÃO DE MEMÓRIAS. Tipos de trabalho – Jogo da memória. Disponível em: <https://estacaodememorias.org.br/jogo-da-memoria/>. Acesso em: 15 out. 2025.

FERREIRA, Benedito Genésio. A Estrada de Ferro de Baturité: 1870-1930. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará / Stylus Comunicações, 1989.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário (atualizado em abril/2025). Brasília/DF: 2025. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 15 out. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Inventário Sumário do Patrimônio da RFFSA no Ceará. Fortaleza: Iphan, 2008.

MEMÓRIA, Octavio. Origem da Viação Ferrea Cearense. Fortaleza: Typ. Commercial, 1923

PEREIRA, José Hamilton; LIMA, Francisco de Assis Silva. Estradas de Ferro no Ceará. 2 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2009.

PEREIRA, José Hamilton; MUNIZ, Túlio de Souza. Os Descaminhos de Ferro do Brasil. 2 ed. Fortaleza: Associação de Estudos e Pesquisas da Subjetividade (AEPS) / Expressão Gráfica Editora, 2012.

PICANÇO, Francisco. Viação Ferrea do Brazil: descrição Technica e estatística. Rio de Janeiro, 1884.

PUTIÚ. Estação Ferroviária. Disponível em: <https://www.putiu.com.br/post/esta%C3%A7%C3%A3o-ferrovi%C3%A1ria>. Acesso em: 15 out. 2025.

REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. O espaço a serviço do tempo: a estrada de ferro de Baturité e a invenção do Ceará. 2015. 402f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2015.

RIOS, Kênia Sousa. Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E79 Estação Baturité. / Museu Ferroviário Estação João Felipe. – Fortaleza: Edições Museu Ferroviário, 2025.
27p.: il., color.

(Coleção Histórias Ferroviárias, v.1).

ISBN: 978-65-989648-0-1

1. Estrada de Ferro de Baturité – História. 2. Ferrovias – História - Ceará.
3. Ferrovias – Estações – Ceará. I. Museu Ferroviário Estação João Felipe.
II. Coleção Histórias Ferroviárias.

CDD 385.098131

Índices para catálogo sistemático

1. Estradas de Ferro 385
2. Ferrovias – História - Ceará 385.098131

Leilane Maria Lucena Pereira de Alencar CRB 3/916

Realização



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

Museu Ferroviário
ESTAÇÃO JOÃO FELIPE

instituto 
mirante

Parceria


BATURITÉ
GOVERNO MUNICIPAL
BATURITÉ
O AMANHÃ SE FAZ AGORA


FUNDAÇÃO DA CULTURA
E TURISMO